

## *Sanditon*, de Jane Austen, e *Sanditon*, a série de TV<sup>1</sup>

Sandra Trabucco VALENZUELA<sup>2</sup>  
Faculdade das Américas, São Paulo, SP

### RESUMO

O presente trabalho estuda *Sanditon*, o romance inacabado de Jane Austen, escrito em 1817, e sua adaptação audiovisual, proposta na série de TV inglesa intitulada *Sanditon* (ITV e PBS, 2019), adaptada pelo experiente roteirista e romancista galês Andrew Davies. Jane Austen escreveu onze capítulos completos, deixando o 12º inacabado, devido ao agravamento da doença, que a levou à morte, em 18 de julho de 1817. Ao longo dos oito episódios da primeira temporada, a série oferece uma leitura e a complementação da narrativa de Austen, estabelecendo relações intertextuais que ora remetem ao universo da autora, ora se distanciam dos pressupostos tanto literários, como também da era georgiana, período em que se situa a narrativa. A série propõe uma atualização quanto a paradigmas comportamentais que se distanciam da escrita de Jane Austen, mantendo, porém, elementos concernentes à construção de personagens femininas como Charlotte Heywood, Mary Parker e Lady Denham, constituindo uma discussão sobre o papel da mulher na sociedade tanto da época como na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Sanditon*; Jane Austen; ficção seriada; feminino; adaptação.

### Jane Austen

Jane Austen (1775-1817) nasceu em Steventon, Inglaterra, filha do reverendo anglicano George Austen e de Cassandra Austen, também escritora de versos satíricos. Os oito filhos do casal eram incentivados a estudar, inclusive as duas meninas, Jane e Cassandra (1773-1845), a irmã mais velha e também confidente da autora. A biblioteca do pai foi a principal fonte literária de Jane Austen, ávida leitora dos romances de Henry Fielding, Samuel Richardson e [Frances] Fanny Burney.

Entre 1795 e 1799, Jane Austen escreveu as primeiras versões *Razão e Sensibilidade*, *Orgulho e Preconceito* e *A Abadia de Northanger*, esta última intitulada inicialmente como *Susan* e publicada sob o pseudônimo Mrs. Asthon Dennis.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Literatura Comparada pela FFLCH USP; Mestrado e Doutorado em Letras pela FFLCH USP, é docente da Fatec Carapicuíba e FAM, e-mail: [sandratrabucco@uol.com.br](mailto:sandratrabucco@uol.com.br)

A morte do pai, em 1805, deixou a viúva e as filhas numa situação financeira muito difícil, pois apenas Cassandra contava com uma pequena pensão deixada por seu prometido, que falecera antes do matrimônio. As três transferiram-se para a cidade Southampton e, em 1809 mudaram-se para a vila de Chawton, para uma casa cedida por um dos irmãos, sempre buscando residir de um modo mais econômico. Essa é a residência que atualmente abriga a casa-museu Jane Austen.<sup>3</sup>

Por volta de 1809, com o auxílio do irmão Henry, as obras de Jane Austen são levadas a um editor que, em 1811, publica *Razão e Sensibilidade*. O livro estampava como autora da obra apenas o codinome “uma senhora”, no entanto, o valor pago a Jane foi crucial para o sustento da família. Em 1813, foi lançado *Orgulho e Preconceito* e, no ano seguinte, *Mansfield Park*, todos publicados de forma anônima. Em 1815, é a vez do romance *Emma*.

A partir de 1816, os sintomas da doença de Addison começaram a minar progressivamente a saúde de Austen, levando-a à morte em 18 de julho de 1817. Apesar da boa recepção por parte da crítica e do público leitor, o nome de Jane Austen somente começou a ser conhecido como a escritora de romances de sucesso após a sua morte, graças aos esforços de seu irmão junto aos editores. Desse modo, em 1818 são lançados postumamente os romances *Northanger Abbey* e *Persuasão*.



Fig. 1 – Aquarela e lápis de 1810, exibindo o único retrato de Jane Austen, aos 35 anos, pintada por sua irmã, Cassandra Austen.

<sup>3</sup> Casa-Museu Jane Austen, disponível em: <https://janeaustens.house/> Acesso em: 10/08/2021.

---

Jane Austen deixou um legado composto por seis obras concluídas, duas inacabadas, além de diversos textos breves, redigidos durante a juventude. Austen analisou, ao longo de sua obra, a vida da sociedade inglesa e a relação entre o amor, os interesses, o casamento por interesse ou necessidade e o casamento por amor, as relações entre as classes sociais, a vida familiar, a amizade, sempre da perspectiva crítica feminina.

### **A mulher e a escrita feminina na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX**

A Inglaterra do século XVIII foi marcado pela presença de diversas mulheres que se aventuraram no campo da literatura, mais especificamente na escrita de romances. As mulheres pertencentes tanto à aristocracia quanto às camadas médias da sociedade, por disporem de tempo livre, investiram na escrita de narrativas direcionadas a espelhar e também criticar o cotidiano inglês, tratando temas como vida doméstica, casamento, amor, relacionamentos de amizade e interesses da vida social.

Até meados do século XVIII, a Inglaterra era dominada por uma sociedade patriarcal e dominada pelos homens, o que mantinha as mulheres restritas a uma vida reclusa e dependente em todos os aspectos da figura masculina. Um bom casamento significava, para uma mulher, uma questão de sobrevivência não apenas dela, mas também de sua família, mais ainda se a família fosse composta por mulheres.

A educação feminina reduzia-se às necessidades que o casamento exigia. Não havia qualquer interesse ou preocupação em desenvolver habilidades ou conhecimentos que fossem além das tarefas cotidianas, pois prevalecia a crença “na inferioridade biológica da mulher e na sua baixa capacidade para os assuntos sérios e para as atividades intelectuais” (VASCONCELOS, 2002. p. 106).

De acordo com o relato do viajante francês Bétat de Muralt, a sociedade inglesa do final do século anterior era pouco refinada, sendo que Londres era descrita como “uma cidade onde os homens se entregavam aos vícios e demonstravam um comportamento grosseiro e brutal”, causando espanto “a reclusão e o abandono em que viviam as mulheres inglesas, cujas qualidades e possibilidades eram aniquiladas por suas condições de existência e pela vontade dos homens” (VASCONCELOS, 2002, p. 105).

A submissão feminina apenas começaria a se modificar com a ascensão da burguesia, que determinou a revisão de costumes, comportamentos e práticas sociais até então predominantes. É nesse contexto de reorganização social que as mulheres inglesas

---

assumem novos papéis, porém, sempre definidos pela moral burguesa, que estabelecia como padrão ideal de conduta a função de esposa e de mãe.

A educação feminina, proporcionada em internatos ou dentro de casa através de preceptores, restringia-se ao aprendizado da leitura e da escrita, noções de música, saber dançar e ou desenhar e pintar, aprender a comportar-se de modo adequado em sociedade e, quando possível, a mulher tinha a opção de aprender uma língua estrangeira.

O casamento era uma grande preocupação para a mulher, a qual, até os 26 anos, deveria encontrar e escolher um pretendente, já que, depois dessa idade, ela seria considerada “solteirona” (*spinster*). Por outro lado, o dote de uma jovem era fundamental para atrair um bom enlace matrimonial, livrando-se, desse modo, de um futuro incerto, dependente da generosidade de familiares ou de amigos que lhe propiciassem o sustento. Vale recordar que, embora a aprovação da família ao casamento não fosse obrigatória, o desacordo ou rejeição dos familiares com a escolha de um dos cônjuges poderia determinar seu afastamento e, inclusive, os filhos poderiam ser deserdados (LOBATO, 2015, p. 4). O casamento por interesse e o casamento por amor eram motivo de debate dentro da sociedade, devido às possibilidades de ascensão social e alianças que estes permitiam entre a aristocracia e a burguesia. Fruto desta discussão, aprova-se, em 1753, o *Marriage Act* de Lord Hardwicke, o qual regulamenta normas e procedimentos do casamento legal (VASCONCELOS, 1995, p. 89).

Portanto, o casamento dava-se por escolha pessoal, tanto para mulheres como para homens. Considerando que o divórcio era uma possibilidade bastante conturbada, que infligia a vergonha pela quebra do núcleo familiar, o casamento deveria basear-se, se não no amor, ao menos na aceitação do outro, visto que o matrimônio era tido como uma instituição que deveria perdurar até morte de um dos cônjuges. Assim, os casamentos não eram impostos ou arranjados, mas acordados entre as duas partes diretamente interessadas.

Vale lembrar que a própria Jane Austen, em 1802, aceitou a proposta de casamento recebida do jovem herdeiro e amigo da família Austen chamado Harris Bigg-Wither (1781-1833) durante sua estadia na casa da família em Manydown Park, no entanto, no dia seguinte, Jane recusou o pedido. Em carta publicada por Joan Austen-Leigh (1986), a sobrinha-neta de Jane Austen divulga o teor de uma correspondência redigida em 1870, na qual é possível identificar um motivo para a recusa da proposta que vai além da ideia

---

de que Harris Bigg-Wither não teve “o sutil poder de tocar o seu coração”<sup>4</sup>. Segundo o relato, o sr. Wither “era uma pessoa demasiadamente simplória — era constrangedor e até mesmo tinha um atitude maleducada — nada além de seu porte o recomendava — ele era um homem grande — [...] Ele tinha juízo em abundância e viveu de modo muito respeitável, como um cavalheiro do campo — [...] conjecturamos que as vantagens que ele poderia oferecer e sua gratidão por seu amor, além de sua longa amizade com a família [Austen], induziu minha tia [Jane] a [...] descobrir que ela seria infeliz e que a posição e a fortuna que certamente seja lhe caberiam, não poderiam modificar o homem (AUSTEN-LEIGHT, 1986, p. 35).

Dessa forma, Austen nunca se casou, o que determinou também a necessidade de manter uma vida bastante restrita economicamente. Segundo Halperin (1985), este episódio pode ter servido de inspiração para enredos e personagens. Em *Orgulho e Preconceito*, Charlotte Lucas aceita de bom grado a proposta do Sr. Collins, ao considerar que, pela idade, ela não teria outra oportunidade de se casar e ter sua própria casa, sem depender dos irmãos e outros parentes. Em *Mansfield Park*, identifica-se uma situação semelhante à vida amorosa de Jane ocorrida entre os personagens Fanny e Henry e que resultou também em atritos familiares (HALPERIN, 1985, p. 730).

A formação feminina, portanto, voltava-se à vida doméstica, enquanto sua educação formal, restringia-se a leituras de romances de cavalaria, romances heróicos, revistas femininas e livros que ensinavam conduta e boas maneiras. As mulheres inglesas que se dedicaram à escrita literária eram, em geral, pertencentes à burguesia ou à pequena nobreza e, devido a essa posição social, podiam alcançar a instrução e denunciar, através de suas obras, a precariedade da vida à qual as mulheres estavam submetidas.

Uma das inspirações literárias de Jane Austen foi a escritora inglesa Frances Burney (1752-1840), mais conhecida como Fanny Burney quem, aos 26 anos, publicou anonimamente seu primeiro romance, intitulado *Evelina* (1778). Marcado pela crítica e pela sátira aos valores da sociedade hegemonicamente masculina, a obra traça um retrato da classe média inglesa do período, tendo como personagem central a jovem de 17 anos, Evelina. Escrito de forma epistolar, o texto mostra uma protagonista insegura, que comete erros de julgamento e cuja educação precária recebida na infância são determinantes para traçar sua inserção na sociedade. Ao final, Evelina supera suas dificuldades e consegue

---

<sup>4</sup> No original: “Harris Bigg-Wither had not ‘the subtle power of touching her heart’” (AUSTEN-LEIGHT, 1986).

---

realizar um bom casamento. Esta personagem é, sem dúvida, um caminho criativo desenvolvido posteriormente por Jane Austen em seus romances.

A exemplo de outras mulheres escritoras do período, Austen tinha de conciliar sua vida familiar e as tarefas domésticas com a escrita literária. Virginia Woolf, em seu livro *Um teto todo seu*, destaca a atividade de Jane Austen como escritora inserida no cotidiano:

“Como conseguiu fazer tudo isso”, diz o sobrinho dela em suas Memórias, “é surpreendente, pois ela não tinha um estúdio próprio para onde pudesse ir, e a maior parte do trabalho deve ter sido feita na sala de estar, sujeita a todo tipo de interrupções corriqueiras. Ela tomava cuidado para que os criados ou visitantes ou quaisquer pessoas fora da família não suspeitassem de sua ocupação”. Jane Austen escondia seus manuscritos ou cobria-os com um pedaço de mata-borrão. De mais a mais, toda a formação literária que uma mulher recebia no início do século XIX era concentrada na observação do caráter, na análise da emoção. Sua sensibilidade fora cultivada durante séculos pelas influências da sala de estar. (WOOLF, s/d, p. 84).

### **Sanditon, de Jane Austen**

De acordo com o King’s College, Cambridge, Jane Austen deixou um manuscrito sem título, todo grafado com a própria mão da autora. Trata-se do “rascunho de uma obra de ficção substancial e em evolução”, que totaliza 120 páginas, tendo entre 20 e 28 linhas por página, cerca de 24.000 palavras, constituindo um quinto, aproximadamente do romance na íntegra. A caligrafia de Austen data o rascunho em três lugares: “no canto superior esquerdo da primeira página do livreto 1, lê-se ‘Jan: 27.-1817’; o Folheto 3 é igualmente inscrito na sua página de abertura ‘Março 1<sup>st</sup>’; enquanto o fólio 20 recebeu, abaixo de sua única linha de texto, a data de ‘18 de Março’”, data em que Austen aparentemente deixou de escrever o texto.<sup>5</sup>

Em 1871, James Edward Austen-Leigh divulgou um resumo e citações do manuscrito, com o título *The Last Work*, na segunda edição de seu *Memoir of Jane Austen* (1871). Foi somente em 1925, que R.W. Chapman publicou a primeira transcrição completa do manuscrito com o título *Fragmento de um romance*. Contudo, “Sanditon” foi, ao que parece, o título não oficial usado pela família de Austen desde meados do século XIX. Por fim, em 1975, B.C. Southam publicou uma edição facsimilar em papel dos manuscritos, com introdução do próprio Southam (AUSTEN, 1975).

---

<sup>5</sup> Kathryn Sutherland (Ed.), 2010. Disponível em: <https://janeausten.ac.uk/edition/ms/SanditonHeadNote.html> Acesso 10/08/2021. Tradução nossa.

Jan: 27. -1817. [ 1 ]

A Gentleman & Lady travelling from Tun-  
bridge towards that part of the Sussex  
Coast which lies between Hastings &  
being induced by Business to quit  
E. Bourne, were, on quitting the high  
toil attempt a very rough Lane  
road, & toiling up a very long steep hill  
were  
through a rough Lane, overturned in  
half rock, half sand.  
toiling up its' long ascent – The accident  
happened just beyond the only Gentleman's  
House near the Lane – the House, which  
their Driver on being first required to take  
direction, way, had conceived to be necessarily their  
object, & had with most unwilling Looks  
by—  
been constrained to pass two minutes

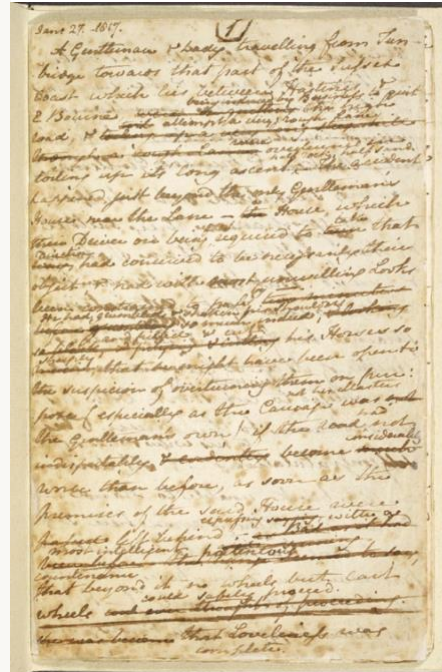


Fig. 2 – Cópia Diplomática.<sup>6</sup>

Fig. 3 – Manuscrito de Sanditon.<sup>7</sup>

Ao longo de seus onze capítulos e do inacabado décimo segundo capítulo, *Sanditon* apresenta um tom satírico, com personagens excêntricos, que diferem daqueles concebidos anteriormente na obra de Austen. Sanditon dá nome à cidade litorânea fictícia que o personagem Mr. Tom Parker sonha tornar uma opção de balneário, capaz de concorrer com a conhecida cidade de Worthing (cidade real, onde Jane Austen se hospedou em 1805) e atrair famílias e jovens para desfrutar dos benefícios para a saúde proporcionados pelos banhos de mar, pela brisa marinha e, claro, para investir no desenvolvimento da cidade em que ele mesmo depositava todos os seus esforços e economias. Logo no início da trama, Mr. Parker e sua esposa, Mrs. Mary, sofrem um acidente em sua carruagem e, devido a uma torção de tornozelo, Parker vê-se obrigado a permanecer aos cuidados de uma família rural que os auxiliou no momento do acidente.

<sup>6</sup> Kathryn Sutherland (Ed.), 2010. Cópia diplomática. Disponível em: <https://janeausten.ac.uk/edition/ms/SanditonHeadNote.html> Acesso 10/08/2021.

<sup>7</sup> Kathryn Sutherland (Ed.), 2010. Manuscrito de Jane Austen. Disponível em: <https://janeausten.ac.uk/edition/ms/SanditonHeadNote.html> Acesso 10/08/2021.

---

Essa casa era a moradia de Mr. Heywood, sua esposa e mais catorze filhos, situada em Willingden.

Como gesto de gratidão, Parker decidiu convidar a família para uma estadia em Sanditon, porém, diante da negativa de Mr. Heywood de afastar-se de casa, Parker decidiu convidar ao menos uma das filhas mais velhas. Assim, a jovem Charlotte Heywood, descrita como uma dama muito gentil, prestativa e simpática de 22 anos, filha mais velha da família, aceitou o convite e partiu para Sanditon, no intuito de se divertir, conhecer o mar e comprar sombrinhas, luvas e broches para as irmãs.

Logo no início, a perspicaz Charlotte observou que Parker era, antes de mais nada, um sonhador. Ao chegar a Sanditon, conheceu a mulher mais abastada da cidade Lady Denham — uma viúva de setenta anos, um tanto mal-educada e inculta, porém, bem humorada e sincera ao expressar-se — e Clara Brereton, uma bela jovem, parente muito pobre, a quem Lady Denham acolhera em sua casa. Clara é encarada pelos sobrinhos de Lady Denham — Sir Edward Denham e Srta. Esther Denham, também pobres — como um entrave no recebimento da herança de tia.

Durante a permanência de Charlotte, chega a Sanditon o irmão de Mr. Parker, Sidney Parker: jovem, inteligente, elegante, de belas feições, no entanto, vive cuidando de negócios viajando pelo mundo e não pretende fixar-se em lugar nenhum. Além de Sidney, Mr. Parker tem mais duas irmãs (Susan e Diana) e um irmão (Arthur) que sofriam de hipocondria, como Mr. Tom Parker.

A grande novidade de Sanditon era a chegada de Miss Lamb, uma jovem e rica herdeira, afrodescendente, também doente, procedente das Índias Ocidentais, que estava no Seminário de Camberwell, pertencente à Mrs. Griffiths, a qual se encarregava de educar e preparar jovens para a vida em sociedade. No Seminário, estavam também as duas irmãs Beaufort, descritas como jovens de beleza tolerável, mas incultas.

*Sanditon* é a única obra de Jane Austen marcada pela presença de uma mulher afrodescendente (*half mulatto*). Como Sanditon era uma cidade planejada para receber pessoas dispostas a recuperar e/ou manter a boa saúde, ironicamente, Austen insere personagens hipocondríacos e cheios de medo, talvez, uma reação contrária à situação que ela própria vivia ao enfrentar a doença que tiraria em breve a sua vida.

*Sanditon* termina abruptamente, pouco depois da chegada do belo e jovem Sidney Parker e seu encontro breve com Charlotte, ao lado de sua cunhada Mary Parker. A cena



---

é descrita em discurso indireto, por isso, não há nenhuma palavra proferida pelo personagem que seria, talvez, o par romântico de Charlotte.

A última cena escrita por Jane Austen é a visita de Charlotte e de Mary Parker à casa de Lady Denham, após avistar, por acaso, um encontro entre Clara Brereton e Edward Denham, que “pareciam tão envolvidos numa conversação amena que Charlotte imediatamente sentiu que não tinha outra coisa a fazer senão retroceder e não dizer uma palavra. A privacidade era sem dúvida o objetivo do casal” (AUSTEN, 2015, p. 111). Esse trecho permite identificar um relacionamento secreto entre Clara e Edward, a personalidade discreta de Charlotte, os interesses sobre uma possível herança a ser disputada entre Clara, Edward e Esther.

### ***Sanditon*, a série de TV**

Coube ao roteirista e escritor galês Andrew Davies (1936- ) o desafio de adaptar *Sanditon*, o romance inacabado de Jane Austen. Davies tem uma longa experiência na elaboração de roteiros e na adaptação de romances para séries de TV, minisséries, documentários e filmes. Sua primeira produção data de 1967, com a série inglesa *The Wednesday Play*; dentre seus sucessos estão episódios para séries como *House of Cards* (versão inglesa, 1990), *House of Cards* (versão americana, 2013-2018), *Mr. Selfridge* (2013-2014), *Amazing Story* (1991); roteiro dos filmes *Os três Mosqueteiros* (2011), *Bridget Jones: The edge of reason* (2004), *Diário de Bridget Jones* (2001), *Otelo* (2001), além da adaptação dos romances de Jane Austen, *Emma* (filme para TV, 1996), *Pride and Prejudice* (minissérie, 1995), *Sense and Sensibility* (minissérie, 2008), *Abadia de Northanger* (filme para TV, 2007), *Sanditon* (série de TV, 2019).

Em entrevista dada ao site *BookBub*, Davies afirma:

Jane Austen organizou sua história lindamente e apresentou seus personagens principais [...] Gosto da ideia de um novo tipo de homem de Jane Austen: Tom e Sidney Parker são homens de negócios e empreendedores que querem mudar seu mundo em vez de preservá-lo. Austen também introduziu sua primeira personagem negra, a rica herdeira Miss Lambe, sugerindo muitas histórias possíveis. (REYNOLDS; DAVIES, 2020).

Os oito episódios da primeira temporada foram feitos por três escritores diferentes, a saber, quatro episódios por Andrew Davies (quem definiu o tom da adaptação), três por Justin Young e um por Andrea Gibb.

---

A adaptação de *Sanditon* para série, pela forma como o original se apresenta, exige que o projeto vá muito além da própria adaptação, pois há a necessidade de criar o enredo, com base na leitura de entrelinhas da trama proposta. A riqueza da adaptação consiste na pesquisa do contexto do período georgiano vivido na Inglaterra, que inclui não só a história da Inglaterra, mas também a vida cotidiana de homens e mulheres de todas as castas sociais, a história social das mulheres, o significado do casamento e a legislação que praticamente obrigava as mulheres ao casamento, sob a pena de não obter meios de sobreviver com dignidade, e a situação de absoluta dependência feminina aos homens da família.

Além do diálogo com a obra de Jane Austen como um todo, a série é também construída sobre o arcabouço literário realizado por outras mulheres escritoras que antecederam ou que eram contemporâneas a Austen, bem como sobre episódios verídicos ocorridos no período. Podemos citar como exemplo, a relação incestuosa que os meio-irmãos Edward e Esther mantêm na série de TV e que se afasta dos personagens comumente trabalhados por Austen. Segundo Margaret Anne Doody (1998), estudiosa da obra de Fanny Burney, uma das grandes autoras que inspirou Jane Austen, Doody identificou possíveis conflitos familiares no seio da família Burney, gerados pelo segundo casamento do pai de Fanny e a reunião dos filhos do casal vivendo sob um mesmo teto. Teria havido um relacionamento incestuoso entre James (1750-1821), o irmão de Burney (que abandonou a esposa), e sua meia-irmã Sarah Harriet, entre 1798 e 1803; ambos teriam fugido para Bristol e posteriormente passaram a residir em Londres. Esse relacionamento teria afetado não apenas a produção literária de Fanny Burney, mas também de Sarah Burney (1772-1844), que também se tornou escritora.

A série contou com a consultoria de Paula Byrne, romancista e biógrafa de Jane Austen, autora do livro *The Real Jane Austen: a life in small things* (2014), cuja preocupação era justamente manter o legado de Jane (como Byrne costuma referir), já que cada projeto envolvendo a obra da autora engaja a assistência de milhares de fãs de seus livros espalhados por todo o mundo.

Byrne defende que *Sanditon* não se refere apenas a um lugar, mas sim, constitui uma personagem dentro da ficção (SHERIDAN; DAVIES, 2019). Tanto na série como no livro, *Sanditon* é personificada, pois recebe todas as atenções de Tom Parker. No livro, Austen faz com que a narradora faça a observação, a qual será dita, na série, pela própria Mary Parker esposa de Tom: “*Sanditon* era uma segunda esposa e quatro filhos para ele,

algo pouco menos querido, mas sem dúvida mais atraente. Podia falar dela pelo resto da vida” (AUSTEN, 2015, p. 37).



Fig. 4 – *Sanditon*, série de TV (divulgação).

O episódio piloto se inicia com o acidente da carruagem dos Parker e o subsequente resgate por parte de Charlotte Heywood, que caçava com a família nas proximidades. A primeira imagem que temos de Charlotte é a jovem concentrada, apontando sua arma para caçar um coelho. A seguir, Tom Parker, já na residência dos Heywood, conta como é Sanditon e convida a Charlotte para conhecer a cidade. O pai de Charlotte consente a ida, porém adverte sobre os perigos de um lugar situado à beira mar afirmando que as regras de conduta são mais relaxadas e até ignoradas. Aos 5 minutos cravados, Charlotte surge em plano fechado, dentro da carruagem, junto aos Parker, rumo a Sanditon. A narrativa audiovisual é realizada de modo ágil, para que o enredo possa se desenvolver logo no início em Sanditon.

---

O mar é um atrativo fundamental que compõe o cenário da cidade. Passeios pela praia e atividades ao ar livre são recorrentes na série. O aspecto mais curioso é a valorização dos banhos de mar tanto em seu aspecto medicinal como de aventura. No entanto, um mergulho no mar exigia cuidados diferentes para as damas e para os cavalheiros. Para entrar no mar, foram criadas, em meados do século XVIII, as máquinas de banho, que faziam sucesso nas elegantes cidades balneário da Inglaterra, como Brighton e Worthing. Tobias Smollet descreve em seu romance *A Expedição de Humphrey Clinker* (1771), o funcionamento de uma dessas máquinas:

Imagine uma pequena e confortável câmara de madeira, fixada em uma carruagem, tendo uma porta em cada extremidade, e de cada lado uma pequena janela acima, um banco abaixo. O banhista, subindo neste apartamento por degraus de madeira, fecha-se e começa a se despir, enquanto o atendente puxa um cavalo até a extremidade próxima ao mar e puxa a carruagem para a frente, até que a superfície da água esteja no nível do chão do camarim, então ele se move e fixa o cavalo na outra extremidade. A pessoa que está sendo despida, abre a porta para o mar, onde encontra o guia pronto, e mergulha de cabeça na água. Depois de se banhar, ele sobe novamente para o apartamento, pelos degraus que foram deslocados para aquele propósito, e veste suas roupas, enquanto a carruagem é puxada de volta para a terra seca; de modo que ele não tem mais nada a fazer, a não ser abrir a porta e descer. Se ele estiver tão fraco ou doente a ponto de exigir que um servo o retire e o vista com suas roupas, há espaço suficiente no apartamento para meia dúzia de pessoas. (SMOLLETT, 1846, p. 197, tradução nossa).

Por sua vez, a sensação avassaladora provocada pelo mergulho no mar, também foi descrita por Fanny Burney:

Fiquei terrivelmente assustada e realmente pensei que nunca me recuperaria do mergulho. Eu não tive fôlego o suficiente para falar por um minuto ou dois, o choque foi além da expressão grande — mas depois que eu voltei para a máquina, eu logo me senti em um brilho delicioso. É a melhor sensação do mundo e me induzirá a tomar banho tão frequentemente quanto for seguro (BURNEY apud TRAVIS, p. 10)



Fig. 5 – Máquina de banho. *Mermaids in Brighton*, séc. XIX.

No entanto, os homens saudáveis não precisavam utilizar as máquinas de banho. Como mostra a série, o hábito comum entre os cavalheiros era banhar-se no mar sem usar qualquer roupa. Em Sanditon, a praia é dividida e os homens banham-se nus afastados de onde as mulheres mergulham. Vale recordar aqui o alerta feito pelo pai de Charlotte antes de partir para Sanditon: a moral nas regiões de *resorts* não é a mesma das cidades ou da zona rural.

No quinto episódio, desenvolve-se na praia um jogo de críquete, que coloca em lados opostos os cavalheiros e os trabalhadores que construíam os prédios para Tom Park. Essas cenas não constam do texto de Austen, contudo, a ideia da rivalidade transformada num jogo de críquete (que era comum na época) traduz metaforicamente a disputa social, bem como o início de rivalidades amorosas.

Outra cena singular que se desenvolve em Sanditon é o almoço e seu personagem central: um abacaxi. Para homenagear a recém-chegada Miss Lamb, a interesseira Lady Denham oferece um almoço para aproximar seu sobrinho Edward da rica herdeira proveniente das Índias Ocidentais e, como destaque, posiciona um abacaxi no centro da mesa. Na época, a fruta tropical era uma iguaria desconhecida e que, segundo Lady Denham, agradaria a jovem. O diálogo que se desenvolve durante o almoço revela um tom racista e também machista por parte de Lady Denham, que atualiza e coloca em xeque comportamentos condenáveis praticados pela sociedade seja no passado, seja nos dias de hoje. Ao revelar que o abacaxi estava apodrecido e repleto de larvas, o roteiro também aponta para a podridão de uma sociedade falida que provoca a rejeição tanto na época de Jane Austen, como nos dias de hoje.

---

Como é recorrente na obra de Jane Austen, pois como se sabe de sua biografia o gosto que tinha por frequentar bailes, e a série não poderia deixar de introduzi-los. O primeiro baile da temporada ocorre já no final do primeiro episódio. A dança entre os casais é a oportunidade que um homem e uma mulher tinham para conversar sem que houvesse uma reprimenda social ou atitudes impróprias aos olhos da sociedade. Charlotte e Sydney rodopiam pelo salão, conversam; a seguir, a dança se toma conta do salão. É nesse espaço, intrigas são reveladas e Charlotte acaba confusa, devido a uma certa ingenuidade, por não conseguir entender exatamente do que se tratava o “comportamento inaquado” que observara entre Clara e Edward. A opção pela quarta música introduzida no baile ancora a cena no contexto diferente do que o proposto até então. Trata-se da execução da música gaélica *Calum Crubach, Fionnlagh Ag Innearach*, escrita e interpretada por Ruth Barrett (2019), que acaba funcionando como música de fundo para o diálogo fundamental para a narrativa da série, pois é o momento em que Charlotte e Sidney se desentendem. Charlotte revela-se uma mulher observadora, de conclusões e julgamentos próprios, ao analisar com precisão, mas também com frieza, as personalidades dos irmãos Parker, o que desagradou Sidney, que considerou as opiniões de Charlotte “muito livres”, devido à falta de experiência, já que ela nunca viajou ou conheceu nada além da casa dos próprios pais. Charlotte se desculpa, mas de forma ríspida, Sidney retruca que ele não deveria ter esperado tanto de uma garota sem experiência e sem conhecimento. Ao fundo, a imagem exhibe o salão, com todos girando freneticamente em círculo, numa metáfora do que está se passando na mente de Charlotte.

O episódio piloto termina com a discussão entre Sidney e Charlotte, o que aponta para um possível romance entre ambos. O segundo episódio se inicia com a imagem de Charlotte saindo da água do mar, como uma forma de purificação do que aconteceu na noite anterior.

### **Considerações finais**

Com uma adaptação cuidadosa, direção de arte impecável e com o sabor da escrita de Jane Austen evidenciada na narrativa de época, a série *Sanditon* teve sua segunda e terceira temporadas aprovadas em maio de 2021, após o cancelamento, em 2020, que provocou enorme comoção entre os fãs de Jane Austen e da série. As novas temporadas serão apresentadas no serviço de streaming BritBox, juntamente com a PBS, dos Estados Unidos da América.

---

De acordo com os produtores, Justin Young será o principal roteirista e produtor executivo, enquanto Davies, criador da série, também será roteirista e produtor executivo. Nesta segunda temporada, Charlotte retornará a Sanditon (acompanhada de Alison, uma de suas irmãs) e atrairá a atenção de dois pretendentes; Georgiana Lamb continuará em busca do amor, sem medir esforços. Os problemas dos Parkers para erguer Sanditon se multiplicam e os Denham continuam provocando situações complicadas. O exército instalará uma nova base em Sanditon, trazendo outros personagens e novas intrigas, desafios, amizades e romances.

Jane Austen não é uma escritora de época, mas sim uma escritora contemporânea de sua época, capaz de criticar de forma irônica, sagaz e, ao mesmo, sutil, a sociedade em que vivia, mostrando, através da palavra, as preocupações que não se restringem ao seu período, e sim perpassam o humano, ao falar de Amor, família, amigos, do papel da mulher, das relações humanas e da liberdade de escolha.

---

### Referências bibliográficas

AUSTEN, Jane. B. C. Southam (Ed.) *Sanditon: Facsimile of the Manuscript*. Oxford: Oxford University Press, 1975.

AUSTEN, Jane. *Lady Susan; Os Watson; Sanditon*. (Trad. Rodrigo Breunig). Porto Alegre: L&PM, 2018.

AUSTEN, Jane. *Obras incabadas. Edição bilingue*. (Trad. e notas Doris Goettems) São Paulo: Landmark, 2015.

AUSTEN-LEIGH, Joan. New Light Thrown on JA's Refusal of Harris Bigg-Wither. *Journal of the Jane Austen Society of North America – Persuasions*, n. 8, 1986. Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/printed/number8/austen-leigh.pdf>

BARRETT, Ruth. Calum Crubach, Fionnlagh Ag Innearach. Sanditon Sound Track, 2019. Disponível em: <https://www.whatsong.org/tvshow/sanditon/episode/79111> Acesso em: 12/08/2021.

DOODY, M. A. *Frances Burney: the life in the works*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HALPERIN, John. “Jane Austen's Lovers.” *Studies in English Literature, 1500-1900*.” Rice University. Autumn, 1985. Vol. 25, No. 4. pp. 719-736. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/450671?refreqid=excelsior%3A3dd5d8e11cc92469167948f4174f0080>

---

JANE AUSTEN'S FICTION MANUSCRIPTS. *Sanditon*: Diplomatic Display  
Cambridge King's College Cambridge. Kathryn Sutherland (2010). Disponível em:  
<https://janeausten.ac.uk/manuscripts/sanditon/b1-1.html> Acesso em 10/08/2021.

PBS. MASTERPIECE 50. *Sanditon*. Disponível em:  
<https://www.pbs.org/wgbh/masterpiece/specialfeatures/sanditon-season-2-casting-news/>  
Acesso em 09/08/2021.

REYNOLDS, Hanna. Andrew Davies em *Sanditon*, o último romance inacabado de Jane Austen. *Bookhub*, entrevista, 07/01/2020. Disponível em:  
<https://www.bookbub.com/blog/q-a-w-andrew-davies-of-sanditon> Acesso em 29/07/2021.

SANDITON. Criador: Andrew Davies. (série de TV) Produção: BritBox/PBS, 2019. (1ª temporada). Elenco: Rose Williams, Theo James, Anne Reid, Kris Marshall, Jack Fox, Crystal Clarke, Charlotte Spencer, Kate Ashfield, Leo Suter. Disponível no Brasil no canal de streaming Globoplay.

SHERIDAN, Sara; DAVIES, Andrew. *The World of Sanditon: The Official Companion*. New York/Boston: Grand Central Publishing, 2019. Edição Kindle.

SMOLLETT, Tobias. *The Expedition of Humphrey Clinker*. Leipzig: Bernh. Tauchnitz Jun., 1846. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=ZHo-AAAAYAAJ&pg=GBS.PA2&hl=pt> Acesso em: 08/08/2021.

TRAVIS, John F. *The Devon Seaside Resorts 1750-1900*. Exeter, Great Britain: University of Exeter Press, 1993.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. Construções do feminino no romance inglês do século XVIII. Revista *Polifonia*, n. 2, Cuiabá, EdUFMT, 1995. Disponível em:  
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1188/949>

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez Lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Círculo do Livro/Nova Fronteira, s/d.